

## Conversa sobre o Comendador Nogueira da Silva: o percurso de uma vida António Tinoco\*

Primeiramente gostaria de agradecer ao Sr. Prof. Manuel Gama o ter-me solicitado para lhes falar, muito brevemente, sobre o comendador Nogueira da Silva, no que diz respeito à minha vivência com ele em Braga. O meu agradecimento também pela presença de Vossas Excelências.

O comendador benemérito e filantropo, António Augusto Nogueira da Silva, fundador da Casa da Sorte, nasceu na freguesia de Paranhos, cidade do Porto, a 29 de Janeiro de 1901. Filho de Miguel José da Silva e de D.<sup>a</sup> Maria dos Desamparados Guimarães Nogueira da Silva, tendo casado com a Senhora Dona Maria Eugénia Gama Lobo Costa Palmeira Nogueira da Silva, em 4 de Agosto de 1920. Os corpos de Nogueira da Silva e sua esposa encontram-se em jazigo familiar no cemitério de Monte de Arcos em Braga.

---

\* Presidente do Conselho de Administração da Casa da Sorte.

Os ascendentes familiares de Nogueira da Silva, à falta de um estudo genealógico completo, começam no seu bisavô materno, José Fernandes Guimarães, natural de Braga, comerciante, grande e único exportador para o Brasil do artesanato regional e fundador do Banco do Minho. Seu avô materno, António José Gonçalves Nogueira, natural de Monção, foi grande comerciante de lanifícios por atacado também em Braga, onde fundou o Banco Mercantil, tendo pelas suas virtudes e predicados figurado na galeria dos *Homens Distintos*, livro biográfico de diversos autores. No que se refere a sua esposa, é digno de maior respeito o nome do seu avô materno, o ilustre médico Doutor Gama Lobo, um dos grandes homens do Brasil, no seu tempo. O pai do Nogueira da Silva era natural de Fonte Arcada, concelho de Póvoa de Lanhoso, comerciante no Porto e, mais tarde, em Braga, e ao que parece descendente da célebre Maria da Fonte; a mãe, natural da cidade de Braga e filha de uma família muito antiga e bem conhecida na Rua do Souto.

D.<sup>a</sup> Maria Eugénia Gama Lobo Costa Palmeira Nogueira da Silva, era filha do conhecido médico bracarense, Doutor José Augusto da Costa Palmeira, que foi durante dezenas de anos clínico no Hospital de S. Marcos, e de D.<sup>a</sup> Eugénia Gama Lobo Palmeira, nascida no Brasil e muito estimada pela sua bondade. Braga honrou a memória do eminente clínico Doutor José Augusto da Costa Palmeira, dando o seu nome a uma rua no bairro da Misericórdia.

Embora nascido no Porto, Nogueira da Silva veio para a vetusta Bracara Augusta com poucos meses de idade, aqui tendo crescido, estudado e casado. Aprendeu as primeiras letras no colégio do Professor Vicente Braga, na Rua D. Diogo de Sousa, tendo depois frequentado o Liceu e a Escola Comercial.

Não obstante a carreira que lhe estava destinada, e atraído decerto pelo ativismo comercial dos seus antepassados, cedo trocou os bancos da escola pelas bancas do comércio, iniciando na senda dos negócios ao lado do pai quando tinha precisamente 18 anos de idade.

Aos 19 anos casou e com esta mesma idade já era jurado comercial. A sua vocação para o comércio foi um caso de revelação espontânea, tendo desde logo revelado excepcionais qualidades de iniciativa, génio criador, sentido de oportunidade, amor ao trabalho, espírito empreendedor e senso prático, o que imediatamente o tornou notado e admirado, a ponto de facilmente conquistar a admiração e estima de todos os grandes comerciantes do seu tempo.

Isso deu oportunidade a que fosse solicitado desde logo para diversos cargos directivos das mais importantes associações e organismos da cidade. Assim, ainda muito novo, foi membro da direcção da Associação Comercial de Braga e Juíz da Irmandade do SS.mo da freguesia de S. João do Souto. Fez parte, durante anos seguidos, da comissão das festas de S. João, sempre como tesoureiro, não poucas vezes tendo coberto, com outros, os défices da organização. Também durante alguns anos foi membro da direcção das Oficinas de S. José, tendo promovido, com a ajuda do falecido Abade da Loureira, a construção do seu novo edifício. E já então, com imensas relações nas esferas oficiais da capital, conseguiu que se fizesse em Braga a primeira rua calçada a paralelepípedos, actualmente designada Av. 31 de Janeiro.

Foi por assim dizer o fundador do Sporting Club de Braga, socorrendo-o financeiramente com algumas centenas de contos, e contribuindo mais tarde, por influência própria, para que se construísse o Estádio 28 de Maio (hoje 1.º de Maio), tendo sido sócio honorário número um do referido clube.

Como vice-presidente do então Ateneu Comercial, promoveu o arranque para a construção do campo de aviação de Palmeira.

Entretanto, sabedor que a sua esposa não poderia ter filhos, passou a dedicar-se mais, com ela, a obras de assistência e filantropia, datando mais ou menos dessa altura a sua entrada como vice-presidente para a direcção do Asilo de S. José e da Creche de Braga, e membro da conferência de S. Vicente de Paulo da freguesia de S. João do Souto. E nos últimos anos, como juiz presidente, por sua iniciativa, e quase exclusivamente a expensas suas, realizou as obras notáveis e importantíssimas da conclusão, consolidação, restauro e modernização do templo dos Congregados. É de mencionar ainda outras ajudas ao Sameiro (Santuário e Centro Apostólico) e ao Santuário de Fátima com o legado de um apartamento que lá possuía.

Na sua vida profissional, Nogueira da Silva, depois de ter trabalhado ao lado de seu pai, e de se ter dedicado a vários ramos de comércio, fundou em Braga, em 1933, a actual Casa da Sorte, destinada à venda e expansão da Lotaria Nacional, a qual se tornou em pouco tempo a maior organização do seu género em território nacional, insular e, na altura, ultramarino.

O comércio de Lotaria que até então se mostrava retrógrado, e sem dimensão, exercido por uma classe inactiva, transformou-se, graças ao seu dinamismo e antevisão de certos fenómenos psíquicos daquele tempo, num comércio digno, organizado e próspero.

Foi ele que idealizou e sugeriu a ideia das Lotarias Populares, que tanto êxito alcançou.

Por sua interferência fundou-se o primeiro Grémio dos Comerciantes da Especialidade.

Mas, bem mais importante do que a sua própria organização comercial foi a obra de assistência e filantropia desenvolvida em prol dos menos afortunados, da qual foram beneficiárias a Santa Casa da Misericórdia e o Hospital de S. Marcos de Braga, bem como todas as casas de assistência desta cidade, as conferências de S. Vicente de Paulo e muitas outras instituições. Praticamente às suas custas, mandou construir um bairro e respectiva Escola Primária, que se destinava a ser habitado gratuitamente por famílias pobres. Ainda hoje existe com a denominação de Bairro Nogueira da Silva. E por testamento, e por intermédio da Universidade do Minho, a sua doação, à cidade que tanto amou, desta sua casa museu com todo o seu valioso recheio que inclui obras raras e de grande valor artístico.

Em Dezembro de 1964, a cidade de Braga consagrou publicamente os altos méritos de Nogueira da Silva, numa grande homenagem que lhe prestou e à qual se associou toda a cidade, desde o Arcebispo Primaz às mais altas e representativas figuras militares, intelectuais, sociais e políticas do distrito.

Braga foi a sua querida cidade, à qual pertenceu por progenitura e onde só não nasceu por acidente ocasional. Ele próprio afirmou que sempre trabalhou pelo seu engrandecimento e prestígio, gastando aqui a maior parte dos seus haveres (dos haveres que ganhou honradamente através de uma organização com cerca de 72 anos de existência). Não foi um homem vulgar, mas sim um homem que ligou o seu destino ao destino dos outros apenas com a preocupação de fazer bem. O seu egoísmo não foi um egoísmo de prevalência pessoal mas uma solicitação congénita do seu "eu" para ajudar os outros, para minorar o sofrimento dos outros, para se integrar com o que teve na felicidade dos outros.

E se mais não houvesse para o definir e à sua obra – e tanto havia ainda para relatar – basta salientar que deixou aos seus colaboradores a empresa que criou, a bem conhecida Casa da Sorte, praticando com esta acção um gesto difícil de igualar. Presentemente e por conveniência da maioria dos empregados accionistas foram cedidas grande parte das acções o que fez com que neste momento a empresa seja detida maioritariamente por um só sócio.

Ainda em vida, foram-lhe prestadas inúmeras demonstrações de agradecimento e provas de reconhecimento pela sua obra. Destaco, assim, as condecorações e mercês honoríficas que lhe foram atribuídas:

- 8 de Novembro de 1957 – Cavaleiro Comendador da ordem papal de S. Silvestre;
- 25 de Novembro de 1959 – Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém;
- 18 de Novembro de 1960 – Camareiro de Honra de Capa e Espada de SS o Papa João XXIII;
- 5 de Outubro de 1963 – Camareiro de Honra de Capa e Espada de SS o Papa Paulo VI;
- 17 de Novembro de 1964 – Grande Oficial da Ordem de Benemerência (Portuguesa);
- 17 de Dezembro de 1964 – Cidadão Honorário de Braga e Medalha de Ouro da Cidade, com palmas;
- 23 de Junho de 1966 – Cavaleiro de Graça Magistral da Ordem Soberana e Militar de Malta;
- 16 de Novembro de 1967 – Grande Medalha de Prata da Ordem Papal de São Silvestre;
- 12 de Janeiro de 1968 – Grã Cruz da Ordem de Benemerência (Portuguesa);
- 13 de Janeiro de 1968 – Grã Cruz da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém;
- 1 de Março de 1968 – Pela nova reforma da cúria romana Os Camareiros de Honra de SS passaram a chamar-se Gentis Homens de SS o Papa;
- 12 de Maio de 1970 – Servita honorário de Nossa Senhora de Fátima do Santuário de Fátima.

Não podia deixar de enumerar também todas as sucursais da Casa da Sorte por si decididas e inauguradas:

- Braga – 15 de Outubro de 1933;
- Porto – 20 de Novembro de 1938;
- Lisboa – Rossio – 13 de Agosto de 1940;
- Coimbra – 13 de Janeiro de 1948;
- Lisboa – Inauguração de escritório na Praça D. João da Câmara – 13 de Agosto de 1948;
- Luanda – 13 de Junho de 1952;
- Lourenço Marques – 6 de Dezembro de 1955;
- Lisboa – Rua Garrett – 6 de Dezembro de 1965;
- Lobito – 15 de Outubro de 1968;
- Luanda – 2.º estabelecimento – 13 de Outubro de 1970;
- Setúbal – 29 de Julho de 1977.

Sempre que possível as filiais eram inauguradas no dia 13.

Princípio por testemunhar publicamente todo o apreço, dedicação e amizade que Nogueira da Silva sempre me fez o favor de dispensar, a ponto de ter sido o seu braço direito no que diz respeito à sua vida particular. Quanto à comercial, obtive sempre cargos de responsabilidade, tendo ocupado o lugar de gerente da Casa da Sorte de Braga durante a maior parte dos 43 anos que estive ao seu serviço.

Também não quero deixar de referir, embora o faça muito levemente, a ligação de parte da sua vida ao regime anterior, pois havia laços de amizade particular que tinha com o Dr. Salazar.

Quando Nogueira da Silva se encontrava em Braga, o que acontecia frequentemente, levantava-se relativamente cedo, trabalhando por via telefónica com as suas filiais praticamente sempre na minha presença.

A sua correspondência era sempre aberta por mim, a qual se relacionava muitas vezes com pedidos de ajuda monetária e social. Várias vezes, quando

lhe solicitavam dinheiro, abria a carteira e mexendo nas notas de 20, 50 e 100 (todas novas, pois fazia questão disso) tinha ideia de dar, por exemplo, 20 escudos. Mas se uma nota de 50 saísse da carteira, dizia: «Tinoco dê-lhe estes 50 escudos, pois com certeza é Deus que assim o quer». Realço que esta minha conversa não terá qualquer ordem cronológica, mas sim factos ocorridos com a minha convivência com Nogueira da Silva. Gostava de distribuir donativos ou outras benemerências, mas ficava muito satisfeito quando os mesmos vinham publicitados nos jornais ou lhe atribuíam qualquer comenda.

E a propósito dizia-me: «Tinoco, algumas pessoas chamam-me comendador, mas este tratamento é como chamar capitão a um general, visto que acima do grau de comendador é o de Grã-Cruz». Daí o dar mais força ao que acima refiro.

As contas particulares com a governanta D.<sup>a</sup> Lurdes eram por mim conferidas, isto no que diz respeito a despesas de casa, mercearia e farmácia, servindo-me para tal dos velhos livros utilizados à época do comércio tradicional. No entanto, no que se referia às contas de despesas de casa, era bastante rigoroso, pois se havia alguma diferença, por pouca que fosse, era-lhe chamada a atenção.

Todos os meses os funcionários da Casa da Sorte iam contar as esmolas para a Igreja dos Congregados, ficando as moedas para a Casa da Sorte, mas Nogueira da Silva cobria sempre em dinheiro a diferença que havia entre as despesas correntes da igreja e o valor apurado das esmolas.

Para ajudar nas referidas despesas desta Igreja após a sua morte, deixou em testamento dois andares que possuía na Rua de Santo André, que presentemente foram alienados pela dita Igreja por motivo do fraco rendimento que estes davam.

Como sabem, a Igreja dos Congregados é hoje Basílica graças às “demarches” empreendidas pelo Sr. Nogueira da Silva, que para o efeito conseguiu que se deslocassem a esta cidade várias entidades religiosas para que “in loco” pudessem verificar se esta igreja merecia esta dignidade, o que efectivamente ocorreu.

Como será do conhecimento de quase todos os presentes, o Sr. Nogueira da Silva, quando havia motivo para isso, como era o caso da realização da Feira “Agro” que se realizava todos os anos, ou algumas manifestações religiosas de algum relevo, organizava recepções de elevado carácter social, convidando

sempre em primeiro caso o Presidente da República (nesta altura a bandeira nacional era hasteada no respectivo mastro) e no segundo as maiores entidades eclesiásticas do país e não só.

Recordo que a primeira vez que se organizou uma recepção – ainda não existia todo este edifício, mas somente aquele que fazia parte da sua residência –, foi por ocasião da realização de um congresso eucarístico, tendo vindo a Braga, onde permaneceu nesta residência, o falecido cardeal Fernando Cento, que representava SS o Papa vigente. Também ficou hospedado nesta casa, com a mesma representação o Cardeal Cerejeira bem como o cardeal Quiroga Y Palácios, entretanto já falecido, encontrando-se o seu corpo sepultado na catedral de Santiago de Compostela, logo à entrada da porta principal. Assim, era hasteada no terraço a bandeira pontifícia, num mastro ainda hoje existente, tendo como guarda de honra a GNR em traje de gala. Junto à porta de entrada eram colocadas duas guaritas com dois elementos da referida corporação as quais eram pintadas de amarelo e branco, cores papais.

Para que tudo corresse pelo melhor veio de Lisboa para esta residência a governanta do Dr. Salazar, para que, habituada como estava a recepções, ajudasse nesta primeira.

Mandavam-se convites a todos os presidentes de Câmara, deputados, arcebispo Primaz, na altura D. Francisco Maria da Silva, e muitas outras individualidades da nossa cidade, bem como alguns dos seus amigos mais íntimos.

É evidente que neste aspecto da organização eu tinha também um grande trabalho que se iniciava muito tempo antes e se prolongava depois com o fecho das contas que eu minuciosamente fazia, discriminando tudo o que se gastava para que no final se soubesse qual a importância gasta com a organização. Lembro-me que, na altura, rondava os 400 000 escudos.

Para as recepções mais particulares (geralmente com a presença de cerca de 12 elementos onde ocasionalmente eu também estava presente) havia um livro que se intitulava “como recebi os meus convidados” onde eu anotava, no final de tudo, quem foram os convidados para aquela refeição, o lugar que cada um ocupava na mesa, bem como os vinhos servidos que eram normalmente Evel Branco, Tinto Barca Velha, Champagne Pomery ou Veuve Cliquot. Também no final do referido livro ficava escrito qual o serviço usado na refeição (companhia



das Índias, Saxe ou Vista Alegre gravado com o emblema da sua santidade o papa que lhe ofereceu a primeira condecoração como comendador).

Igualmente discriminava a toalha que cobria a mesa e a baixela que era sempre em prata. Na frente de cada convidado existia um suporte também em prata que com o seu nome indicava o respectivo lugar. Nestas cerimónias faziam-se também menus em papel especial debruado a ouro fino enumerando quais os pratos a servir. Por diversas vezes o Sr. Carolino, que exercia igualmente funções na Quinta Patinho, me consultava sobre o nome que se devia dar a um prato a servir, o que por vezes “sem se repetir” lhe dizia, Bacalhau à Sameiro, Arroz à Falperra, Salmão à Bom Jesus, isto para regionalizar os referidos pratos. E por falar em salmão, o primeiro que era pescado no Alto Minho era remetido nesse mesmo dia para o Dr. Salazar, bem como quando da ida a Lisboa do Sr. Nogueira da Silva era sempre comprado com o mesmo destino um embrulho de fidalguinhos adquiridos na Doçaria de S. Vicente.

Na escadaria principal, a guarda de honra da GNR em traje de Gala empunhava as suas espadas à chegada dos convivas.

Nas recepções maiores, que se faziam no salão nobre e jardim Jorge Barradas, os convidados chegavam a ser à volta de 300, o que constituía para mim e para o Sr. Nogueira da Silva um grande trabalho. Nestas, normalmente, alguns elementos da orquestra sinfónica do Porto abrilhantavam o evento. O serviço de cozinha, que se fazia junto ao jardim Jorge Barradas, era chefiado pelo já referido Sr. Carolino, ajudado por empregados recrutados em Braga e em Lisboa, empregadas domésticas do Sr. Nogueira da Silva (5), bem como cinco jardineiros, vindo também alguns funcionários de Lisboa.

O protocolo era sempre com a minha ajuda, o que fazia muitas vezes estar a trabalhar até altas horas da noite. Os convites enviados, debruados a ouro fino, exigiam sempre: trajo casaca e vestido comprido para as senhoras, farda de gala para os militares, para as entidades religiosas as vestes que o evento assim exigia, todos usando as respectivas condecorações. Isto tinha obviamente como objectivo permitir ao Sr. Nogueira da Silva poder usar as suas vastíssimas comendas. Recordo-me que nestas grandes recepções, recebia em princípio muitos pedidos para convites os quais só seriam atendidos depois de devidamente ponderados e autorizados pelo mesmo.

Quando o Dr. Salazar era convidado para visitar esta cidade, o que aconteceu poucas vezes, também ficava hospedado nesta casa.

Na altura do domingo de Páscoa a Cruz era recebida na Casa da Sorte, sendo de seguida novamente recebida nesta casa onde a banda de música que acompanhava a cruz, da freguesia de S. João do Souto, tocava uma peça em frente à residência. De seguida era distribuído a cada músico um saco de amêndoas agradecendo eles com outra obra musical.

Como se pode constatar, o Sr. Nogueira da Silva era uma pessoa bastante magnânima, mas por vezes não tanto, porquanto me mandava ia ter com um engraxador que trabalhava na Arcada, trazia os jornais de Braga e Porto, lia-lhe as principais notícias e no final tornava-os a entregar ao referido engraxador sem qualquer custo. Em contrapartida, este trabalhador, que ainda é vivo, era o único que poderia entrar para a residência do Sr. Nogueira da Silva a fim de lhe engraxar os sapatos, não só a si como aos convidados, que por ventura lá se encontrassem, compensando-o bem.

Quando havia qualquer obra que fosse necessário orçamentar, era na minha companhia que se via o seu custo, o qual era sempre mais elevado do que para qualquer outra pessoa, pois pensavam sempre que como homem de dinheiro teriam que dar orçamentos altos. Por vezes até não estaria mal o seu custo. No entanto, tentava sempre junto do dono da obra obter descontos, o que praticamente sempre havia um abatimento. Quando lhe mostrava o orçamento rectificado, dizia-me o Sr. Nogueira da Silva: «Veja, Tinoco, poupámos X escudos, pois, como diz o ditado, "mais vale cavá-lo ao dente do que à enxada"».

As minhas relações com o Sr. Nogueira da Silva eram, como já disse, de uma consideração extraordinária, ao ponto de quando não tinha ninguém em casa, o que acontecia inúmeras vezes, telefonava-me à noite e se a minha mulher atendia o telefone, dizia: «Minha Senhora, empreste-me o seu marido, pois preciso de conversar». Se eu atendia o telefone perguntava-me: «O Tinoco sai?» Se eu lhe respondesse que sim, dizia-me «Então passe por cá». Se lhe respondesse que não, era por que não tinha nenhum compromisso e retorquia: «Então passe por cá!» Em conclusão, quer saísse ou não, ia sempre para a casa dele.

E agora permitam-me uma confiança bastante íntima. Havia uma senhora de Braga que lhe escrevia cartas bastante "expressivas". Estas cartas eram abertas por mim, lendo o seu conteúdo. Comentávamos o mesmo e no final eram arquivadas numa pasta.

Ainda a propósito da sua vida económica e já no que diz respeito à parte comercial, tinham todos os gerentes instruções para só fornecer aos funcionários lápis, borrachas, etc., depois de mostrarem o material gasto.

Na altura do Natal, como havia muitos trabalhadores do Norte e era uma época de bastante trabalho, não podia autorizar que todos se deslocassem às suas terras. Assim, convidava alguns colaboradores para que ceassem com ele na sua residência em Lisboa, no intuito de representar todos aqueles que não podiam estar com as famílias.

Depois de Abril de 1974, no turbilhão da época, aconteceram factos que me escuso de falar mas que, na opinião de pessoas avalizadas, abreviaram a sua morte.

Aproveito também para informar que a principal doença que o atormentava era ter cálculos renais. Quando isso acontecia, dizia ao motorista para se deslocar à igreja de S. Vitor trazendo de lá o santo advogado destas doenças, o qual era colocado ao lado do seu leito. Este Santo ostentava na sua mão uma pedra muito irregular que simbolizava os referidos cálculos. Comia sempre com muita parcimónia, optando por cozidos e grelhados. Quanto a doces, gostava de tapioca que a governanta fazia sem açúcar e que cognominava de tapioca à Nogueira da Silva.

Já falei bastante sobre a vida particular do Sr. Nogueira da Silva, no que diz respeito às suas estadas nesta cidade mas muito mais haveria para dizer da sua vida.

Talvez fosse um pouco maçador mas fiz o possível para dar uma imagem, de certo desconhecida, de um homem que escolheu Braga como sua cidade natal e do coração, e perante a sua memória desde já me curvo.